

Centenario de José Estevam

Conferencia realisada no dia 30 de abril de 1909,
no Theatro Aveirense

POR

MELLO FREITAS

Meus Senhores:

Accedendo ao penhorante convite da *Associação Commercial e Industrial* de esta cidade para, n'este dia, fazer uma conferencia precedente á celebração do centenario do nascimento de José Estevão, eu acceitei logo, pela honra que me era conferida, e sobretudo pela confiança que de ha muito tenho na bondade e na generosidade dos meus patricios, que constituem a maioria d'esta dedicada assistencia.

*

Na cadeia magestosa dos Pyreneus, do lado de França, onde os picos e cumieiras alpestres se esbateram em declives menos rudes e alcantilados, que teem por esmalte verdes planicies, por vezes envoltas n'um lençol de brumas, levantam-se serras dominadoras como torres d'atalaia, e grandes recostos vêem adoçar as asperezas abruptas, retardando a rapidez e formando essa escadaria colossal, em que cada degrau é um monte.

D'esporão em esporão ergue-se, rompendo os ares, a negra e escavada *Maladetta*.

Não tão alto, está assentado no *Pic du Midi* um observatorio, com accesso relativamente facil, e horisonte largo. O seu isolamento permite-lhe, quasi sempre, sobrepujar as nuvens, que se

distendem como as aguas de um lago ou se encastellam como vagas d'um oceano enfurecido.

Longos mezes ali viveu e trabalhou o astronomo Plantade, e ali o surpreendeu a morte quando elle se embebecia nas suas observações com o sextante na mão.

Relanceando os olhos pela vastidão da ingente cordilheira em que o gelo resplandecia toudado de luz, as suas ultimas palavras foram: — *Como tudo isto é bello!*... E apagou-se na serenidade d'aquelle deslumbramento.

Semelhantemente tendo de expôr-vos alguns breves lances biographicos de José Estevão, tendo de o encarar nos multiplices aspectos da sua existencia tão movimentada, tão scintillante e tão completamente preenchida, eu sou forçado a soltar este grito sincero d'admiração e enthusiasmo: — Oh! como é bella a vida de este homem!...

*

O nosso patricio e notavel publicista, snr. dr. Jayme Magalhães Lima teve ensejo de apresentar-vos a influencia de Voltaire, Rousseau e Montesquieu sobre a França, provocando a grande Revolução d'onde derivou a conquista da Liberdade em Portugal, Hespanha e Italia.

O snr. Alberto Souto, na segunda conferencia d'esta serie, esboçou a biographia militar e parlamentar de José Estevão.



FUNDO
LOCAL

O venerando democrata, o sr. Manoel d'Arriaga, n'um quadro brilhante e eloquente, apreciou as tres grandes epocas da Renascença, da Reforma e da Revolução Franceza.

.....

Eu vou muito despretenciosamente contar algumas anedoctas typicas, que servirão para caracterisar uma individualidade forte e exuberante, colhidas da tradição e dos livros, na nostalgia da tarde, reflexos estranhos, por vezes de delicadeza inexcedivel, ou d'um rude colorido flagrante, quando não sejam manchas picturaes, que ajudam a perfazer o retrato.

«Não ha homem grande para o seu creado de quarto», é uma maxima sabida.

Devassando particularidades e incidentes fugazes ou bruscos, nem por isso se abalará o respeito e a adoração que todos nós votamos incondicionalmente á memoria de José Estevão.

Qual a sua estatura?

Approximadamente a que attingiu seu filho, o illustre poeta e escriptor Luiz de Magalhães.

As calças do pae servem-lhe.

Quaes as suas feições?

São as mesmas que apparecem na estatua, que se ergne sobranceira no Largo da Cadeia.

José Elias Garcia, no dia da inauguração, a 12 de agosto de 1889, apoz o descerramento, em palavras sentidas e vibrantes assim o proclamou:—Eil-o!... são na verdade as suas feições.

*

Os que conheceram de perto José Estevão sabem muito bem que elle era custoso de aturar, no viver intimo—caprichoso, irascivel, teimoso, cheio de phantasias e poesias

—exuberancia de imaginação e talento, que rapidamente se manifestava.

Estes traços biographicos foram pôstos a lume por Brito Aranha, que teve occasião de o apreciar em casa da familia Castro (aos Paulistas) na roda elegante de Figanière, Dulac, Barruncho, Mendes Leite, Ayres de Sá, Barrão de Almeida e outros, que eram a flôr da mocidade d'aquelle tempo. (1)

Para confirmar esta passagem poderei dizer-vos que Francisco Gomes de Amorim, auctor das *Memorias biographicas de Garrett*, conta como, depois d'um exilio de cinco annos de vida selvagem (de 1839 a 1844) no Amazonas para onde partira creança desvalido e ignorado, demandou Portugal movido das saudades e do desejo de cultivar a litteratura amena, sob a egide d'aquelle poeta, que se condœra do seu infortunio.

Chegado a Lisboa, procurou depois de Garrett o grande tribuno com uma carta de recommendação do primeiro.

José Estevão recebeu-o com o seu modo naturalmente brusco e disse-lhe mettendo-lhe nas unhas uma penna de pato mal aparada:

— Escreva o que quizer.

Espantado com aquella rudeza militar, escreveu tremulo algumas palavras ao acaso e sem nexo.

José Estevão leu como ponde; esgaratjou umas linhas e tornou a ordenar:—Leia isso.

Tentou debalde penetrar os heroglyphicos.

—Então o sr. não escreve, nem lê e deseja empregar-se? em quê?

Gomes d'Amorim objectou:

(1) Homenagem a Mendes Leite—18 de maio de 1884—pag. 14.

—V. Ex.^a faz-me o obsequio de lêr o que acaba de escrever?

—A minha letra é pessima, confesso, mas creio que se entende.

—Entende-a o sr. Que grande proeza! Também eu entendo a minha.—E por seu turno entregou-lhe o papel.

—Pois isto é claro. Diz... diz... diz o diabo que me carregue! Eu sei cá o que isto é!...

E amarfanhando o rascunho, concluiu:—Volte por cá; se apparecer cousa que lhe sirva, falaremos. (1)

Entretanto o convívio adoçava a impressão d'aquella hispida franqueza, que se estribava, afinal, na mais adorável generosidade e no maior desprendimento de convenções.

*

São innumeráveis as passagens parlamentares em que crivou de epigrammas ou ironias os adversários, que o azar lhe punha em frente.

*

Alexandre Herculano, cuja estreia como deputado se realizou em sessão de 6 de julho de 1840, fez um discurso que foi *modelo de dicção, mesquinho na intenção e falho nos meios* (2) segundo a critica d'um jornal do tempo *A Revolução de Setembro*.

Não teve uma palavra de censura para o governo e soccorria-se por vezes d'uma lista extensa de apontamentos, que levava de sobrecellente.

José Estevão que o viu embulhado n'esse matagal, atrapalhou-o ainda mais, atirando-lhe

esta frecha hervada:—Larga a sebenta. (1)

O sorriso da camara sublinhou a phrase, e Herculano poucas vezes subiu mais á tribuna.

*

No parlamento um sr. deputado ardendo em sanha e todo escamado grita contra o Presidente:—V. Ex.^a roubou-me a palavra!

—Pois olhe que não lhe roubou grande coisa, brada-lhe a distancia José Estevão.

*

Madeira Pinto, em meados de 1902, contou ao meu amigo Francisco da Silva Rocha, que esalfando-se um representante do povo em côrtes para que lhe dessem também a palavra, e accentuando-se a circumstancia critica de que o illustre deputado era esquipatico ou defeituoso, José Estevão lhe accudira invectivando:—Sr. Presidente, tenha dó d'este aleijadinho!...

Uma gargalhada geral coroou o lance ultra-comico.

*

As *Novidades* de 15 de maio de 1906, em artigo de fundo intitulado—*No tempo de D. Maria II*—declararam que José da Costa Cabral scindia as palavras que a isso se prestavam, como por exemplo: *mas... morra*, etc.

José Estevão teve, mais tarde, occasião de tirar proveito de este *truc*, parodiando esta feição característica da oratoria de José Cabral, frisando bem a divisão das palavras em syllabas, muito separadas, conseguindo effeitos extravagantes e varios.

*

Na sessão de 4 de junho de 1840, reclamou contra a conser-

(1) Garrett—*Memorias biographicas*. T. 1.^o, pag. 13 e 14.

(2) José Estevão, de Marques Gomes, pag. 71 e 72.

(1) Caldas Cordeiro—«Alexandre Herculano», pag. 52.

vação do Administrador Geral d'este districto Antonio Taveira de Carvalho Pinto de Menezes e disse ao ministro Seabra que o tirasse d'aqui—«faça d'elle, permitta-se-me a expressão, *Menino Jesus*, mas fóra d'aquelle districto. (1)

*

A 19 de junho de 1891 contou-me o snr. Francisco Manoel Couceiro da Costa, que o tribuno, em 1859, sendo Presidente da Camara dos Deputados o Custodio Rebello, que foi governador civil de Aveiro, o intimou, por que dava opinião no debate em vez de apenas o dirigir:

—Desça d'ahi, que agora mando eu; inscreva-se, aliás todos nós porêmos o chapéu na cabeça.

*

O marquez de Vallada (vê-se do *Diario* em março de 1865, n.º 771), disse que José Estevão declarara um dia que existiam 3 especies de historicos—de boa historia, de má historia, e que não teem historia nenhuma.

E a proposito dos ataques que lhe faziam por ter acompanhado a Regeneração, o Manoel Amaro de Carvalho contava-me que elle affirmara com energia:

—Tudo quanto a Regeneração fez de bom foi ella que o fez, e de tudo quanto produziu de mau tenho eu a culpa!

*

José Dias Ferreira, na sua conferencia a 11 de maio de 1906, promovida pelo Centro Republicano Academico de Coimbra, disse a proposito da imprensa amordaçada pelo Costa Cabral:

— Havia oradores como José Estevão... Nunca ouvi, nem dentro nem fóra do paiz, orador assim.

(5) Aveiro, berço da liberdade, de Marques Gomes, pag. 117.

Quando elle fallava fazia-se na camara um silencio absoluto para o escutarem.

E todavia, por inveja, stygmatisavam-no, chamando-lhe muita vez o *Trovão de Aveiro*. (1)

Direi agora, por minha banda, que teem collocado ultimamente bastantes pára-raios n'esta cidade, mas não oiço, por desgraça nossa, nenhum *trovão* como aquelle.

*

Foi ainda José Dias Ferreira que trouxe a lume uma phrase typica, referindo que José Estevão lhe disséra um dia que não ha em Portugal senão duas maneiras de governar:—ou apoiado no Paço ou na Praça.

Os que querem lisongear o Povo e o Rei, fazem-me lembrar aquella anedocta patusca d'um missionario, que tentava convencer os pretos de que deviam ter consideração pelos mulatos, porque eram tanto homens e filhos de Deus como os brancos e os pretos, apezar de serem café com leite.

—Ora essa!—contestáram os pretos escandalisados—Deus fez o café e fez o leite, mas não fez o café com leite.

Jesus declara aos phariseus astuciosos:—Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. Não se póde servir a Deus e ao Diabo simultaneamente.

Paraphraseando, accrescentarei:—Pagai a moeda, o tributo, ao Rei, mas entregai a vossa alma ao Povo.

No discurso de João Arroio, proferido na Camara dos Pares a 15 de outubro de 1904, contra a situação Hintze Ribeiro, que veio

(1) *Patria*, jornal de Coimbra de 14 de maio de 1906.

a cahir a 17 d'esse mez, ha o seguinte trecho:—Pinheiro Chagas disse um dia que José Estevão era uma carga de couraceiros em Waterloo. O snr. Presidente do Conselho é um fermento á espera d'uma dissolução.

*

Registando este apreço de valor do grande tribuno, suscitarei um facto importante:

Dissolvida a Camara dos Deputados a 27 de março de 1860, foram convocadas para 20 de março de 1861.

José Estevão perdeu a eleição em Aveiro por 366 votos; em Ilhavo venceu por 2 votos, mas Vagos salvou a situação suplantando os adversarios e cobrindo aquelle deficit. Foi o prior d'aquella freguezia, João de Miranda Ascenso, grande amigo de José Estevão, que lhe proporcionou a victoria.

O bom d'aquelle pastor d'almas tinha tal preponderancia, que se dizia que, para vencer as eleições, já não precisava ir a casa dos eleitores, bastava mandar a sua egua de porta em porta.

*

Eu estava-me reportando ás asperezas passageiras de José Estevão e contei casos, que as comprovam, no meio das lides politicas.

Enverédo agora pela azinhaga da vida restricta, que aqui gosou entre patricios, que a idolatravam, e narrarei, sem atavios, quatro scenas caracteristicas.

Encommendára a Sebastião dos Santos (1) do Alboi uma esteira, mas o pobre artista errou as medidas e quando foi a assental-a José Estevão teve tal ataque de furia, que a victima des-

atou a fugir pela escada abaixo e pela rua fóra, como se viesse o Diabo atraz d'elle.

*

Uma noite o Luiz Gonçalves Moreira,—o Pinol—quando petiz foi posto fóra de casa pela avó, a sr.^a Anna Balacó. Passando pela rua, n'um accaso, José Estevam deparou com o rapaz debulhado em lagrimas, a ganir como um cachoro. Inquirio, e seiente do caso bateu á porta:

O' Anna! ó Anna!

E tanto bateu que a pobre mulher veio, quasi em fralda, com uma saia pelas costas.

Porque é que tu a estas horas pões teu neto no olho da rua, em termos d'elle apanhar uma constipação que o leve?

—E' muito mau e desobediente. Precisa de castigo... sem castigo não ha emenda.

Ora adeus! Isso não são coisas que se façam. Quando elle as merecer, o que é preciso é isto!

E agarrando-se ás orelhas do pequeno deu-lhe duas sacudidelas valentes, de modo que lhe ficaram a zenir por largo espaço de tempo.

Dizia-me ha pouco o Luiz Moreira:—Era me preferivel ficar ao relento toda a noite.

*

O medico Manoel Martins de Almeida Coimbra aventurou-se a fallar mal do regimen parlamentar na presença de José Estevão. O tribuno fêl-o entupir com violencia increpando-o:—Calle-se ahi!... Você está enxovalhando a liberdade que destructa para criticar o governo constitucional. Esquece-se que se não fossem os liberaes e as batalhas que vencemos, você não passaria d'um engraixa-botas dos fidalgos do Carmo!

(1) Pae de Bento dos Santos—do Alboi.

*

O dr. João Carlos Themudo Rangel, que ha pouco falleceu e foi um advogado distincto no Porto, contou-me um episodio curioso. José Estevão encontrando-se á meza em divergencia com o Matheus de Magalhães desatou a verberal-o com a maior energia. (Estava o tribuno então com um guardanapo ao pescoço, e esse discreto resguardo domestico fôra sua irmã D. Maria Dorothea, que lh'o pozera, embebida em assedial-o de cuidados). A descompostura infligida pelo pae ao filho foi tão vehemente que fez chorar tudo, até que, reparando José Estevão n'esse vale de lagrimas, converteu apressado aquella furiosa tormenta n'um assumpto ligeiro e alegre, que em seguida fez rir todos a bandeiras despregadas.

*

D'outra vez, veraneando na Costa Nova do Prado, metteu-se a explicar geometria ao Matheus de Magalhães, mas o filho nem para traz nem para deante. Perdendo a cabeça, o pae deu-lhe dois safanões e foi ao extremo do palheiro fechal-o na estrebaria.

D'ahi a um bocado tudo era: —O' Dorothea (1) vae vêr o Matheus, coitado!

D. Dorothea ia examinar e declarava: —Está a dormir.

Mais logo: —O' Dorothea sempre seria bom saber do rapaz.

Regressava D. Dorothea: —Está socegado e resona.

O' Dorothea, eu magoei o rapaz, e elle não tem culpa, põe-o cá fora.

E não descançou em quanto lhe não deu a liberdade.

(1) Irmã do orador.

*

D. Rita de Miranda contava ao filho Luiz de Magalhães que o tribuno muitas horas jogou com o arraes Batata (1) a bisca lambida sobre um remo de barco do mar.

Este episodio foi-me revelado justamente pelo meu amigo Luiz de Magalhães em setembro de 1904.

Aquella familiaridade dos dois explica-se. José Estevão era um gigante da palavra, como por vezes tem sido affirmado, e o arraes Batata era tambem um colosso como pescador, verdadeiro Hercules Farnese, cuja corpulencia e musculatura fazia o pasmo de quem o encontrava por acaso, e alem d'isso era valente homem de mar e um excellente caracter.

Quando José Estevão o apresentou á esposa, absorpta na contemplação d'aquella prodigiosa maravilha, disse-lhe entusiasmado —O' Rita! tu já viste, por ventura, um homem como este?

*

Encantava-se o grande orador com as expressões proprias, espontaneas e pittorescas da gente do povo. Assim lhe succedeu que ao passar n'uma estrada topou com uma vara de porcos dirigida por um calças de couro alemtejano, que de longe a trazia quasi sem lhe dar de comer. Travou a conversa sobre este ponto, o nosso patricio e grande orador perguntou-lhe admirado:

— Mas como é que elles se sustentam? de que é que vivem?

— Ora essa! *vivem do seu sebo!*

Informou fleugmatico e victorioso o conductor.

(1) Manoel André Batata, nascido perto de 1825—Morreu a 27 de Outubro de 1876.

Esta afabilidade constante com os humildes, a semceremonia com que os tratava era um dos attractivos de José Estevão.

*

Assim se explica que, quando morreu, desde a rua Formosa até á Patriarchal Queimada, hoje praça do Principe Real, fosse o feretro conduzido pelos ministros e próceres, e que n'este ultimo ponto alguns homens do povo se dirigissem aos fidalgos e cavalheiros de elevada cathegoria e lhes dissessem:

— Até aqui V. Ex.^{na}; agora nós, de quem elle foi o mais leal amigo e o mais valente defensor. (1)

*

● D. Maria José Street, educada na Inglaterra, era visita de D. Rita de Miranda e estando no palheiro da Costa Nova como hospede da segunda, foi ali recebido com muito carinho e attensões um pescador, velho amigo de José Estevão e por esse facto posto á meza da dona da casa. D. Rita no fim da refeição pediu desculpa á sua visita:

— Tu perdôa, mas meu marido tractava-o assim, e isto é uma tradição sagrada, que devo respeitar.

— Estás enganada! eu não tenho que desculpar; o que eu fiquei é muito admirada da correção e delicadeza d'esse homem, que pelas suas expressões e modos revelava uma grande cultura de sentimentos.

Com effeito D. Maria José conservára-se quasi sempre callada e fôra essa reserva e surpresa, que a viuva do grande cidadão interpretára erradamente.

(1) José Estevão—de Marques Gomes, pag. 167.

*

José Estevão tinha ás vezes exaggeros e ahi vae um exemplo:

Pela primeira vez na minha vida, contava elle, houve ensejo de me embebedar. A scena passou-se no convento de S. Domingos, d'esta cidade, onde eu tinha um tio-avô que muito ajudára meu pae nos seus estudos. Como sabem o medico do convento era justamente meu pae. Estas duas circumstancias faziam com que alinos recebessem com obsequios. Fomos lá n'uma sexta-feira santa, ainda eu era bem creança e ali beberriquei o primeiro calix de vinho. Provei, gostei, bebi, escorripichei e repeti.

N'um relance fugi para o refeitório e esvasiei calices uns sobre outros. Fiquei toldado e lôrpa. Voltámos pela Corredoura, por signal encontrámos no caminho as tres Marias, que iam incorporar-se na procissão d'enterro. Metteram-me na cama em casa de minha tia Rita Costa, aos Balcões.

Quando accordei andava na rua a procissão da Ressurreição.

— Como da Ressurreição?! estranhou alguém que lhe escutava a narrativa. O accorder deveria ter-se dado, quando muito, no sabbado de alleluia. . .

— Ou isso, concordou José Estevão, sem se importar já com a procissão que pouco antes puzera na rua. (1)

Entre as numerosas revoltas e pronunciamentos militares que, de 1834 a 1852, agitaram o paiz, houve a 11 de agosto de 1840 uma sedição em que, além d'outras forças, entrou a quarta companhia da guarda municipal.

(1) Contado por Jayme Lima. Versão de casa de Luiz Magalhães.

● Em carta de 16 de Junho de 1909, o Conselheiro Luís de Magalhães disse ao autor desta conferência que o facto se passou com D. Margarida Street, viúva de Lopes de Mendonça.

José Estevão compromettera-se n'aquella conspirata, mas apelar das instancias de Mendes Leite não foi possível, á ultima hora, resolver-se a acompanhar os revoltosos, que estavam em marcha.

— Não quero ir, gritou elle, e sabes porquê? Mendes Leite? E' que aquella corneta bole-me com os nervos, está *muito desafiada* e annuncia desde já a derrota.

E effectivamente o movimento, que visava a derribar o governo, foi suffocado com facilidade e com alguns tiros no Arsenal.

José Estevão escreveu, durante uma campanha parlamentar, ao Mendes Leite para que se apresentasse em Lisboa com toda a urgencia, em razão de discussões e votações na camara.

Mendes Leite obedeceu logo. Todavia debalde o tribuno o procurou em Lisboa. Tinha-se sumido.

Nova carta assanhada e o silencio como resposta. Mendes Leite perdera-se no caminho.

Vamos á explicação que já é tempo. Tinha encontrado em Leiria uma mulher, feito uma conquista, e trocado a politica pelo amor.

Na epoca agitadissima em que estuavam as paixões dos partidos e em que os clubs revolucionarios regorgitavam de demagogos quando algum mais exaltado berava contra a cobardia e clamava a necessidade de sahirem para a rua, José Estevão perguntava-lhe logo:

— O cidadão já viu alguma vez a guarda municipal em formatura no Largo do Carmo? Pois se não presenciou ainda esse es-

pectaculo, vá vêr primeiro e falle depois.

Entre os soldados da 1.^a companhia do batalhão de voluntarios liberaes, que se organisou em Coimbra em 1828, figurou um garoto de estudantes, por alcunha o *Pirão* (1) que acompanhou os academicos quando emigraram, e que no cerco do Porto se houve com valentia.

Acabada a campanha estabeleceu casa d'hospedes em Coimbra no Collegio de S. Jeronymo, abrindo em outubro de 1835. N'essa casa estiveram José Estevão e Mendes Leite algum tempo com outros estudantes, que iam concluir o curso interrompido, em virtude da guerra civil.

O *Pirão*, que debutára por vadio, pertencia n'essa altura a uma quadrilha de ladrões e foi morto pelos companheiros a 28 d'agosto de 1836, como explica Martins de Carvalho no seu curiosissimo livro—*Os assassinos da Beira*.

Installado no Collegio de S. Jeronymo, o *Pirão* continuou o *sythema* que empregara no convento da Serra do Pilar, partindo a machado e queimando algumas imagens de madeira, com grande ostentação de impiedade.

— O chá hoje está bom, disseram-lhe José Estevão e Mendes Leite.

— Podéra! clamava o *Pirão* — foi hoje feito com um Santo Ambrosio!...

E quando lhe gabavam o jantar, allegava sempre o santo que n'esse dia tinha entrado na fogueira, victima da sua rapacidade e irreverencia.

(1) José Simões *Pirão*— *Os assassinos da Beira* por Joaquim Martins de Carvalho, pag. 211.

José Estevão, por Marques Gomes, pag. 24 e 25.

Quando José Estevam andava n'uma correria eleitoral desatou a chover copiosamente e com tal furia, que encharcou os cavalleiros. Levava o tribuno uma capa de borracha, que não evitou que fosse trepassado.—A'prova de agua! vejam isto... Este diabo não a prova, *bebe-a*—bradou elle, sacudindo-se sobre os estribos.

D'outra vez, costeando um arrosal perto de Villarinho, onde as sessões eram frequentes, exclamou estendendo o braço direito e o dedo indicador:—Lá estão ellas a botar as cabecinhas de fóra.

Referia-se, claro está, ás febres, que elle figurava espreitarem por cima da verdura do lamçal.

Quando José Estevam visitou Camillo Castello Branco, preso nas cadeias da Relação do Porto, disse-lhe, segundo consta das *Memorias do Carcere*: (1)

—Isto é de um homem partir a cabeça; mas você conserve a sua.

No *Cancioneiro Alegre* (2) refere tambem Camillo que José Estevão respondeu d'este modo ao espanto do romancista, que não percebia como é que aquelle politico, com tão longa folha de serviços, nunca fôra ministro:

—Eu não tenho sido ministro porque m'o não deixa ser...

—A intriga? a inveja?

—Não é isso: são umas coisas, que andam na atmosphera...

—Não percebi, acrescenta Camillo, se alludia aos *diabos azues* dos inglezes.

Blue-devils significa, á letra,

diabos azues, mas esses gnómos subtis e tredos, que brincam com o espirito e o derrancam, são os que explicam a traducção mais propria de abatimento, melancolia, desillusão.

Quando Alves Martins, o saudoso bispo de Vizeu, se viu atrapalhado para commentar acontecimentos politicos, que o irritavam, declarou que andava *coisa no ar*; José Estevam allegou tambem coisas, que bailavam na atmosphera para o estorvarem de ser ministro.

Entretanto *quasi* que o ia sendo; em fevereiro de 1862 *por pouco* que entrava no gabinete Loulé. A combinação falhou por *intriga*. Fechado o parlamento ainda n'esse anno pensaram em dar-lhe a pasta do reino. Era tarde; a morte derribou-o a 4 de novembro,

Quando a snr.^a D. Maria Pia casou com D. Luiz I, a 27 de janeiro de 1862, houve, como é de estylo, uma *récita de gala* em S. Carlos. O snr. Silverio Augusto Pereira da Silva encontrou José Estevão de casaca, a qual o primeiro festejou com os alegres commentarios d'ocasião.

—Meu amigo é necessario ajudar o monarcha a engulir a *espinha*.

Alludia á magreza da noiva.

Alexandre de Seabra, á morte do Marquez da Graciosa, fez publicar um artigo panegyrico onde affirmou que José Estevão disséra a proposito d'aquelle cavalheiroso e distincto fidalgo:

—O conde da Graciosa existe para justificação dos vinculos.

N'uma carta do tribuno para Sebastião de Carvalho e Lima,

(1) T. I, pag. 159.

(2) Pag. 506.

carta que hoje está em poder de Luiz de Magalhães, ha a seguinte phrase: «Quanto ao despacho do vigário, El-Rei (D. Pedro V) tem más informações (do padre).

Este incidente confirma como o infeliz monarcha era escripto-los no seu officio de reinar, orientando-se pelo preceito de Frederico o Grande:—«ser soberano d'um paiz é ser tambem o seu primeiro servidor». (1)

*

Garrett aconselhára Ignacio Maria Feijó a que escrevesse uma comedia portugueza sobre o celebre corregedor Camões, e Feijó rascunhára o *Camões do Rocio*.

Submettida, por acaso, á apreciação de José Estevão, este julgou d'esta maneira a peça theatral:—«Ahi falla-se em musica. Não é prosa nem verso. Está entre o canto-chão e uma marcha funebre.»

Hoje sabe-se a historia toda d'esta comedia. Depois de composta primeira e segunda vez, Garrett farto de dar indicações sem resultado, refundiu-a toda e entregou o borrão ao pretenso auctor. (2)

Temos acompanhado José Estevão na sua preponderancia politica e parlamentar; temos notado o seu convívio com o povo e a sua intervenção irremovível em casos alheios domesticos; agora peço licença para glosar algumas das suas phrases e aventuras, que o apresentarão sob o seu aspecto faceto, alegre e conquistador.

José Maria Branco de Mello, morgado de Vagos, era uma optima creatura, legitimista de con-

(1) Cartas ineditas de D. Pedro V—pref., pag. LXX, por Mendes dos Remedios.

(2) Garrett—*Memorias*—T. II, pag. 374.

vicção, muito bondoso por signal, que um dia de entrudo teve a má ideia, a pessima ideia de se vestir de parteira. Quando José Estevão viu aquella abantesma insulsa e mal amanhada, exclamou assarapantado:

—Aposto em como este diabo não é gente!!...

O morgado corou na sua gravidade dentro da mascara.

*

Tendo Matheus de Magalhães escripto um folhetim contra os balões, essa moda extravagante que arimava as saias n'uma roda ancha, e terminado a critica por um brado d'alma:

—Abaixo as *crinolines*.

José Estevão que lêra a ver-rina, sorrindo-se, exclamou:

—Pedaço d'asno! Abaixo as *crinolines*! *crinolines* acima...

*

Logo depois de casado, conversando com o dr. José Christiniano da Fonseca e Brito, medico n'esta terra e director do correio, estalou com este epilogo:

—O' meu amigo, se eu adivinhasse que ainda estava tão apto para noivo, tinha-me conservado solteiro.

E desataram os dois á gargalhada.

De visita a João de Mello Saraiva, de Estarreja, em cuja casa se realisava um baile, a certa altura appareceu uma das irmãs d'aquelle cavalheiro, bella dama ataviada com distincção, perpassando magestosa e solemne na sala com um sorriso encantador. José Estevão ao despontar do astro, estremecem os convidados com este brado subito:

—O' Mendes Leite, de joelhos, que ahi vem a rainha.

*

Quando as terras da provin-

cia estavam isoladas do mundo, sem estradas nem meios de transporte, no imperio do churrião, da liteira e da cavalgada, a sociedade aqui tinha uma vida mais entrelaçada. Os rapazes da roda fina d'esta cidade e os bohemios, que por aqui brotavam e cresciam, tiravam d'este degredo o proveito que podiam. Além dos bailes da alta e dos de tricanas e dos pic-nics na ria, dos oateiros e da pratica com as freiras dos conventos, vingavam-se a fazer partidas alegres uns aos outros.

Foi assim que um dia, capitaneados pelo medico Francisco Antonio de Rezende, assaltaram os muros do mosteiro de Sá e no proprio cortêlho dos suinos ataram o focinho d'um poreo e ali o mataram, trazendo-o cá para fóra, a fim de servir de ornamento e gaudio n'um banquete.

E foi igualmente n'aquelle convento folgação que elles metteram um garoto pela roda, encaregando-o de passar-lhes a pouco e pouco as docarias e gozadeiras, que estavam de dentro, á espera dos reverendos e pacatos sacerdotes, que egarganteavam, entretanto, á missa da festa.

Eram d'esta ordem os costumes joviaes da epoca.

Houve um tempo em que Aveiro tinha em Lisboa a mais alta representação de typos varonis, elegantes ou conquistadores.

Mendes Leite foi assim descripto por Affonso de Castro, reportando-se aos acontecimentos historicos de 1846:

«... estava então na força da vida e parece-me vê-lo... Ele, vada estatura, ar distincto, bellos olhos escuros, nariz aquilino, alvos dentes, barba castanha... A' belleza physica juntava a

«belleza moral, o que o tornava um homem seductor.

«A amizade ou o amor conquistava Mendes Leite n'um relance e não é para estranhar que tão cheia de aventuras fosse a sua vida.

«O que porém José Estevão admirava era a coragem com que o seu fiel companheiro se mettia em arriscadas empresas amorosas.»

José Estevão tinha bella physionomia e, pelo seu talento e character, era uma figura dominante.

Mais novo do que os dois, porém ainda seu contemporaneo, andava egualmente na primeira roda, e occupava um lugar privilegiado nos salões e nas aventuras fidalgas, João Carlos d'Amaral Osorio, depois Visconde de Almeida.

Pinto de Carvalho (Tinop) no seu excellente livro—*Lisboa de outros tempos*—escreve a pag. 134: «Havia então walsadores notabilissimos—Eduardo Vanzeller, José Cantagallo, D. Luiz da Camara Leme, Chico Bellas, Alexandre Villar Perdizes e João Carlos d'Amaral Osorio.

Faziam estes tres personagens um papel distinctissimo na corte pela posição de relevo que occupavam na sociedade, pela sua educação primorosa, pela sua historia interessante, e pelas suas figuras attrahentes.

Tendo José Estevão de sahir d'um baile dado no palacete d'um titular, na capital, e começando a chover a cantaros, propoz a Manoel Brown e a Antonio Augusto Obelho de Magalhães, que allugassem uns gallegos para transporte. Foi approvada a ideia immediatamente e foi um successo, como hoje se diria.

Na verdade o caso teve graça. Tres janotas de chapéus altos e guarda-chuvas abertos, escarranchados sobre tres cidadãos de Tny, que levavam aquelles extravagantes para os respectivos domicilios!.

As mulheres de todas as classes, fascinadas pelo talento, porte varonil e pela graça de José Estevão, perseguiam-no intensamente.

Sucedeu por isso que uma dama elegante, á falta de encantos proprios variava de calçado, sendo primorosa n'esse artigo de modas.

José Estevão, a quem ella bloqueava com insistencia, poderia dizer-lhe:—O' minha rica senhora, procuro a belleza e nada entendo de botas!—mas não, a aventura acabou de forma mais picaresca, eu é que não posso contar esse desfecho, aliás hilariante e bizarro.

E tanto as mulheres o perseguiam a offerecer-lhe em holocausto o seu amor que, quasi sempre, quando José Estevão, ainda solteiro, estacionava por Lisboa, ao entrar em casa, a horas mortas inqueria do creado:

—O' Antonio, está por ahi alguma mulher?

—Não está.

—Procuraste bem?

—Sim, meu senhor.

—Olha lá... viste debaixo da cama?

E só depois, com um suspiro d'allivio, ia dormir descansado.

Ninguém ignora que José Estevão era bastante despreoccupado com o fato, usando por vezes a gravata torcida e o collete solto. Aconteceu que um dia apparecesse na rua com os botões das calças desapertados, e como um

sujeito o detivesse, advertindo-o de corrida, o tribuno que já era casado, atalhou com pressa:

—O snr. tambem tem procuração da snr.^a D. Rita?

Na sua qualidade de incorrigivel alludia ás baldadas admoestações de sua esposa.

Viremos a lauda e passemos adeante.

Creio que se discutia a castidade, a continencia e o celibato.

Todos os interpretes ou glossadores do Genesis, consideram as palavras—*Crescite et multiplicamini*—no sentido de uma benção pronunciada sobre todo o reino animal. José Estevão, porém, rompeu ao revez da discussão encetada, defendeu os instinctos da natureza carnal e affirmou a brados que a **virilidade** era uma coisa optima, nobre e *transmontana!*

Esta ultima palavra tem um sainete proprio porque alludia aos esforços d'um principe da igreja portugueza, que implorava a dispensa de celibato ecclesiastico, ao menos para os padres transmontanos.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, advogando no concilio de Trento (1) a abolição do celibato ecclesiastico, bem sabia que n'uma das suas visitas episcopaes encontrára perto da Galliza um abbade com doze filhos taludos, todos homens feitos, robustos e atrevidos. (2)

Mendes Leite foi ao Porto com José Estevão em propaganda de caminhos de ferro. Na Praça No-

(1) Onde José Estevão disse (discurso de 7 de fevereiro, de 1839, sobre o schisma) que elle occupára uma cadeira da opposição. (Riso da Camara).

(2) Fr. Luiz de Sousa—*Vida do Arcebispo*, t. 1.^o, pag. 465.

va encontraram o José Passos a fallar com o Aguiar, um brasileiro muito empatacado.

José Passos apresentando o ultimo disse—o sr. Conselheiro Aguiar.

José Estevão accrescentou: e que bom conselheiro que seria, se v. ex.^a nos ajudasse na tarefa que temos em vista. Creio porem não haver solução possivel em quanto não forem enforcados oito capitalistas.

O Aguiar embuchou, apanhou um susto formidavel, declarando depois ao José Passos: —Se o José Estevão dissesse *meia duzia*, que é numero e phrase habitual, vá, mas *oito* é forte, e cuidei que já me tivesse escolhido intencionalmente para subir os degraus do cadafalso.

João de Mello Saraiva que fôra um janota namorista e gastador, ao rastejar pelos quarenta annos começou a arredondar n'um *embonpoint* que não era desgracioso.

José Estevão apanhando-o a geito deu-lhe um piparote no abdomen e exclamou:—Se isto não passa para a anca mal vae ao creador.

O increpado carregou o sobr'olho n'uma desconfiança pallida, que o obrigou a mascar em secco.

—... Não se formalise, que se de alguma coisa me preso de saber é de veteranaria!

Os assistentes e a propria victima sorriram-se d'esta galhofa em santa paz.

Eduardo Coelho, em 1882, lembrou ao *toast*, jantando em casa de Mendes Leite, que a fortuna do *Diario de Noticias* a devia a José Estevão porque já em 1856, na *Revolução de Setembro*,

lhe reclamava muitas noticias frescas, ou d'escabeche, politicas ou escandalosas para divertimento e attracção dos leitores. A esse noticiario obsequioso dava o tribuno o nome picante e expressivo de *chouriço*.

O Conselheiro Albano de Mello contou-me, ha pouco, que n'uma reunião politica ácerca da vinda do caminho de ferro por esta cidade,—e essa assembleia dos influentes do burgo teve logar na sala da Camara,—José Estevão enfadado, talvez, disséra alto:—Afinal os de Aveiro nunca hão-de passar dos homens de ceroulas.

Esta exclamação faz lembrar a disputa entre campinos e ilhavos, que nas *Viagens na minha terra* Garrett (1) apresentou, com victoria para os segundos. Gabyam-se aquelles das suas valentias com toiros, mas estes levaram-nos á parede com esta singelissima pergunta—Pois as nossas luctas são com as ondas, e vamos lá a saber qual é mais bravo—o toiro ou o mar?

Quando Eça de Queiroz era pequeno, o seu rosto comprido e pallido, o seu cabello curto e cingido á fronte, os seus olhos castanhos e profundos, levaram José Estevão, quando o via em companhia do pae, a chamar-lhe—o *Padre José*.

A José Dias Ferreira, (este mesmo o declarou n'este logar) porque era muito novo quando se atirou de cabeça á politica, tratava-o familiarmente com esta expressão paternal—ó *pequeno*, olha lá, não te parece... etc. exa-

(3) T. I pag. 8.

● A reunião referida pelo Conselheiro Albano de Mello foi em 15 de Dezembro de 1861.

ctamente como um veterano academico tracta um caloiro.

*

No sarau de 11 de agosto de 1889, celebrado n'este theatro e em que tomaram parte Antonio Candido, Luiz de Magalhães e Manoel de Arriaga e José Dias Ferreira este ultimo limitou-se a contar, a traços largos, alguns rasgos de José Estevão e em seguida, singelamente, fez algumas referencias anedocticas.

Como não haja vestigio d'essa oração e por que vão passando os que a ouviram, e ainda attendendo a que o proprio discursador, annos mais tarde, pediu que lhe dessem nota dos topicos de que dissera, sem que obtivesse reconstituir a licção, eu vou repetir aquelles casos, que teem sainete e interesse do depoimento d'uma testemunha de cathedra.

José Estevão era um notabilissimo talento, e como não ha talento por partes, affirmava o conferente, José Estevão tinha condições para militar, professor, jornalista, advogado criminal e muita aptidão para estadista e é porisso que resumio a sciencia das finanças a tres pontos capitaes—1.º saber quanto temos com que pagar—2.º quanto temos a pagar—3.º de que modo se deve pagar.—Esta synthese consta d'uma phrase proferida no seu discurso de 8 de junho de 1839.

Por uma notavel coincidencia Thiers pensou e formulou, annos depois, de igual maneira.

*

Entrando uma vez em casa do José Dias, vio-o cercado de grossos volumes indigestos de Direito Romano e o novel Jurisconsulto disse-lhe:

—D'isto não sabe V. Ex.ª nem quer saber.

—Está você muito enganado. Sei tal; vi que todo o direito romano se pôde reduzir a duas ordens: Direito real e symbolico.

E defendeu a these com grande vehemencia e engenho.

D'alguma fórma, sem consultar Savigny, se estribava na escola historica, cujo promotor directo e o mais illustre representante (1) foi esse sabio Jurisconsulto.

As regras das relações dos individuos exprimem-se por symbolos na idade juvenil dos povos (2), affirmou Arhens.

Adivinhava rapidamente coisas que nunca estudára.

No parlamento um deputado provinciano declarou que uma certa lei prescrevia uma determinada obrigação.

José Estevão voltando-se para o José Dias, disse-lhe:

—O' pequeno, aquillo não pôde ser.

—Porque?

—Porque é tolíce.

Compulsada a lei, vio-se que o tribuno tinha razão, porque o que ella preceituava era o avesso do que fôra citado.

*

Vou agora apressadamente abonar o character generoso de José Estevão com um facto, que não é muito conhecido, embora publicado no *Diario Popular* de 9 de fevereiro de 1901.

Tractaram varios liberaes de

(1) Tres obras—*Systhema de Direito Romano* (incompleto), *Tractado da posse* e *Historia de Direito Romano na idade media* de Frederico Carlos de Savigny, nascido a 1778 e fallecido em 1861.

(2) Ahrens, t. 1.º, pag. 54—*Philosophie du droit*.

solemnisar um acontecimento politico de importancia, e pediram a José Pereira Palha o seu palacio no Dafundo, para se realizar um banquete.

Annuio o dono da casa e foi convidado por isso, e por ser amigo dos promotores.

Depois de alguns brindes houve os do estylo á familia real, a que José Palha correspondia gentilmente.

Chegou-lhe porém a vez e fazendo notar, discretamente, quanto eram profundos os sentimentos de respeito que elle e seu pae professavam pelo que fôra seu rei e amigo, propôz um brinde ao *Snr. D. Miguel de Bragança, Rei exilado.*

José Estevão levantou-se logo, e em eloquente replica erguen o copo e bradou commovido:

—A' saude do sr. D. Miguel e dos seus subditos fiéis na adversidade da sua proscripção.

E' claro que este cumprimento foi entusiasticamente acolhido por todos os convivas.

*

Contou-me o sr. Manuel Anthero Baptista Machado que José Estevão, no empenho de rapidamente alcançar uma estrada para esta região, pediu a planta e orçamento respectivo a toda a brida, accrescentando na Direcção das Obras Publicas:

«Risquem essa estrada sem pontes... fazem-se depois.»

*

Era previdente e providente. Da Portaria de 28 de janeiro de 1854, consta que elle diligenciou introduzir na ria uma carreira de navegação a vapor entre esta cidade e Ovar.

Meçam agora quantos annos (mais de meio seculo) este esforço precedeu o estabelecimento definitivo das lanchas com que,

n'este momento, pretendem dotar a simples passagem da Bestida á Torreira!

*

A'cerca da matta e quinta que José Estevão improvisou nas areias desde a Costa Nova á Barra, mediante o fôro de 1\$250 rs., pago á Camara de Ilhavo, escreveu Pinho Leal (1):

«... Mas o primeiro dos modernos oradores portuguezes estava muito áquem do ultimo dos lavradores. A sementeira feita em más condições pouco produziu e José Estevão chegou ainda a vér desfeito esse sonho da sua imaginosa phantasia.»

*

Em fins de outubro de 1862 teve uma fortissima constipação. No dia 1 de novembro immediatamente sahiu. A' tarde appareceu-lhe uma dôr violenta na perna esquerda. No dia 2 foi-lhe determinado um banho quente pelos medicos Thomaz de Carvalho e Marcellino Craveiro.

Parece que o primeiro dos facultativos, que assistia á imersão, se esqueceu a conversar com o doente. O banho durou 70 minutos e José Estevão sahiu da tina afflictissimo.

Thomaz de Carvalho aconselhou pouco depois que se chamasse o dr. Barral, ao que o tribuno observara:—*Então já te não atreves com o leme?*

E mais tarde consta que n'uma ancia dissera:—*Nunca pensei que para me matar fosse necessario coserem-me.*

Da meia noite de 3 para 4 de novembro de 1862 falleceu, libertando-se aquelle espirito do seu envolucro terreno.

(1) *Portugal Antigo e Moderno*, t. 1.º, pag. 273—verbo Aveiro.

